

De Melo Neto, João Cabral e o manguezal

Arthur Soffiati

Doutor em História Ambiental. Professor do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/UFF

Na poesia de Joaquim Cardozo, as raras aparições do manguezal são envolvidas pela ternura e pelo lirismo. Não assim com seu conterrâneo João Cabral de Melo Neto, talvez o poeta que mais tenha dedicado, em sua obra, espaço a este ecossistema, numa visão tremendamente negativista. Já em seu segundo livro, *Os Três Mal-Amados*, de 1943, o mangue, além de outros assuntos que o acompanharão doravante, aparece em sua conotação de ambiente associado à podridão social: “O amor comeu meu Estado e minha cidade. Drenou a água morta dos mangues, aboliu a maré. Comeu os mangues crespos e de folhas duras”¹. Em *O Cão sem Plumagem*, reunindo poemas construídos em 1949 e 1950, mangue, lama, caranguejo, ostra, pobreza se conjugam para formar um mundo de miséria: Sabia dos caranguejos/de lodo e ferrugem./Sabia da lama/como de uma mucosa./Devia saber de polvos./Sabia seguramente/da mulher febril que habita as ostras. Ou mais explicitamente, Abre-se em flores/pobres e negras/como negros./Abre-se numa flora/suja e mais mendiga/como são os mendigos negros./Abre-se em mangues/de folhas duras e crespos/como um negro. . Mais adiante, Em silêncio,/o rio carrega sua fecundidade pobre,/grávido de terra negra [...] /em botinas ou luvas de terra negra/para o pé ou a mão/que mergulha. Aos poucos, o poeta vai associando a decadência física e social dos seres humanos que as injustiças empurram para a lama:

Porque é na água do rio
Que eles se perdem
(lentamente e sem dente).
Ali se perdem
(como uma agulha não se perde).
Ali se perdem
(como um relógio não se quebra).
.....

Na água do rio,
lentamente,
se vão perdendo
em lama; numa lama
que pouco a pouco
também não pode falar:
que pouco a pouco
ganha os gestos defuntos
da lama...

¹MELO NETO, João Cabral de. *Os três mal-amados*. In: _____. *Poesias Completas*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 363-372.

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.
.....
Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.
Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve².

A associação entre o manguezal e a pobreza estabeleceu-se em forma de denúncia. Não uma denúncia panfletária, que o poeta não abdicaria do rigor estético e mesmo do rigor da composição cerebral, como se propôs em toda sua obra. A lama do mangue passa a ser vista como lugar de degradação humana, não ficando claro se trata da lama em seu estado normal ou se já poluída por dejetos de atividades antrópicas.

Em *Paisagens com Figuras*, livro que reúne sua produção poética de 1954 e 1955, João Cabral de Melo Neto deixa clara sua postura humanista e antropocêntrica, bem características das posições políticas de esquerda que então desposava, com o manguezal visto de forma depreciativa. Logo no primeiro poema do livro, *Pregão turístico do Recife*, faz menção aos mangues rasos do sul, proclamando: E neste rio indigente,/sangue-lama que circula/entre cimento e esclerose/com sua marcha quase nula,//e na gente que se estagna,nas mucosas deste rio,/morrendo de apodrecer/vidas inteiras a fio,/podeis aprender que o homem/é sempre a melhor medida./Mais: que a medida do homem/não é a morte mas a vida. E, em *Volta a Pernambuco*, os mangues de Tigipió evocam-lhe a baía de Dublin. A vida de diplomata do poeta coloca-o em contato com vários contextos³.

De *Quaderna* em diante, a força das palavras, a rima toante começam a suplantar a denúncia, conquanto não de todo. As alusões ao manguezal escasseiam. Ele aparece nos poemas *De um avião (O aeroporto onde o mar e mangues e a água doída, o mangue.)*, *Paisagens com cupins (Por onde a salmoura dos mangues)* e *Litoral pernambucano (O mar se*

² MELO NETO, João Cabral de. O cão sem plumas. In: _____. op. cit., p. 303-318.

³ Id. Paisagens com figuras. In: _____. op. cit., p. 243-269.

*estende pela terra/em ondas que se revezam/e se vão desdobrando até/ondas secas de outras marés:/as de areia, que mais adiante/se vão desdobrando nos mangues,/que se desdobram (quase palha)/num capim Lucas, de limalha*⁴.

Ausente em *Dois Parlamentos*, o manguezal ressurgiu em alguns poemas de *Serial*, escrito entre 1959 e 1961. Cada vez mais a forma passa a absorver o poeta, já bastante viajado pelo mundo. Uma estrofe de “Pescadores pernambucanos” atribui uma certa dose de sensualidade à vasa do mangue (*No mangue lama ou lama mangue,/difícil dizer-se o que é,/entre a espessura nada casta/que se entreabre morna, mulher*). Neste mesmo poema, o autor cria uma imagem pictórica referindo-se ao vôo espalmado da rede planando lento sobre o mangue. Em *Velório de um comendador*, há uma estrofe que o incorpora (*E uma banheira contém,/exposto a que alguém derrame,/todo o mar de água que ele era,/sem confins, mar de água mangue.*). A teia, casa da aranha, em *Formas do nu*, tem teto mas não assoalho; eis, pois, que ela *cai descalça no mangue/chão também escoriado*⁵.

Considerado pela crítica especializada seu mais elaborado livro, *Educação pela Pedra* menciona mangue apenas três vezes. Lá está mais uma vez o manguezal em *Fazer o seco*, *fazer o úmido* (*A gente de uma capital entre mangues*) e em *Uma mulher e o Beberibe*, no qual rio e manguezal já não representam tanto aviltamento humano, mas uma sorte de sensualidade feminina (*Lânguidos; que se deixam pelo mangue e Adulto no mangue, imita o movimento/que há pouco imitara dele uma mulher: /indolente, de água espaço e sem tempo/(fora o do cio e da prenhez da maré)*⁶).

Daí em diante, os livros de João Cabral de Melo Neto serão constituídos, quase todos, por apontamentos poéticos, à exceção de *Auto do Frade*. Nove anos depois de *Educação pela Pedra*, ele publica *Museu de Tudo*, reunião de poemas escritos ao lê *Frequenta-o manguezal* apenas uma vez, no poema *As águas do Recife* (*E há no outro touro, o rio, /entre mangues, remanescente*)⁷.

No livro seguinte, *A Escola das Facas*, lançado cinco anos depois, o manguezal reponta como o espaço da degradação humana, no último dos quatro poemas sob título geral de *O mercado a que os rios*:

O que distingue de outros rios,
os recifenses rios-mangues?
Como em toda grande cidade
existem os bancos de sangue,
onde gente, para viver,

⁴ MELO NETO, João Cabral de. Quaderna. In: _____. op. cit., p. 125-184.

⁵ Id. *Serial*. In: _____. op. cit., p. 49-99.

⁶ Id. *Educação pela Pedra*. In: _____. op. cit., p. 5-47.

⁷ Id. *Museu de Tudo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ou viver que seja outro dia,
vai aos balcões para vender
o rio escondido da vida,
os rios vendem os seus rios,
o que é mais normal em sua sina.
(Passa é que esses rios daqui
não têm mais da água azul, marinha;
se vendem na água que eles criam
(que o mar devolve quase sempre),
água que o mundo de onde vem
mostra no ar de bicho indigente).

Além da questão social que sempre motivou o poeta pernambucano ao entrar no manguezal, finalmente ele toca, neste poema, na questão ambiental. A lama do mangue não é infecta por sua natureza anóxica, mas foi contaminada pelo insulto humano. As águas azuis de outrora tornaram-se contaminadas, rejeitando-as o mar, que as devolve com o movimento das marés. Ainda no segundo poema desta série, o poeta insiste no tema: de viajar toda a planície/conservando rios seus rios,/os rios puros do olho-d água/com que partiram de seus sítios// até a outra, a empantanada,/do mangue, sensual e mestiça,/que corrompe o rio na morna/cama de mulheres da-vida. Não obstante de forma menos incisiva, Melo Neto cobra rios limpos. Ainda no quinto poema da série Descrição de Pernambuco como um trampolim, lá está novamente o manguezal, comparado à lesma; no poema dedicado a Carlos Pena Filho nos vinte anos de sua morte (*e pulsa mudo como o sangue,/e nas marés sem gesto o mangue*); em Autobiografia de um só dia (*mesmo se explodem [gritos, sangue],/de chácara entre marés, mangues*)⁸.

Aventura sem caça ou pesca

O Parnamirim com sua lama,
e mais lama que rio ele é,
limitava o quintal do fundo
(até lá alcançava a maré).
A porta que o Parnamirim,
que hoje coberto não se vê,
passa ao ir ao Capibaribe
é o vão da Ponte do Vintém.
Explorar o Parnamirim,
leito de lama quase pez,
era a aventura de um menino
(bem onde um desastre holandês).
Pelo leito sensual e morno,
no andar de andar em massapê,
quando o riacho é só de lama
e já não o emprenha a maré,
à procura de caranguejos,
em caçadas ou pesca, não sei,

⁸ MELO NETO, João Cabral de. *A Escola das Facas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ia ter ao vão de uma porta,
o arco da Ponte do Vintém.
Na caça ou pesca nunca achava
mais que aratu, que é ralé;
raro o goiamum de aço azul
e o carro de assalto que tem.
Mas havia o andar pela lama,
amor e medo, pedra e mel,
e era o fim mesmo da aventura
esse andar na lama: ela tem
carinho de carne de coxa
e das mucosas que contém,
certa textura feminina,
acolhimento de mulher,
e certa qualidade viva
que a faz lasciva para o pé⁹.
Andar nela é do bom difícil,
um arrancar-se que não se quer.
Eis que enfim o Capibaribe
e a porta ou Ponte do Vintém:
eis que se acaba a caça ou pesca,
e como sempre acaba em sem.
A grande aventura se acaba
onde o Parnamirim também:
o riacho na porta da Ponte,
entra o rio-mor, João-ninguém,
e o aventureiro que o viajava
no leito dele e sua mulher,
se escorre, que o Capibaribe
é por ali de amplas marés.
Agora, é voltar para casa
sem que o denunciasse ninguém.
Mas não reandando a lama fêmea,
que a maré emprenha outra vez,
e subi-la com água é lento,
leva tempo, que é o que não tem.
Melhor seguir o cais decrepito
que paralelo ao rio vem,
e à vista do Capibaribe,
que vê tudo que não tem
como falar, entrar no portoporão
frente ao rio, e Amém.

Há, todavia, dois longos poemas de João Cabral de Melo Neto bem elucidativos de sua concepção pejorativa do manguezal. Em ambos, faz-se um percurso da caatinga ao mar, passando pelo agreste, área açucareira de Pernambuco, em meio à pobreza, à doença e à morte. O primeiro deles intitula-se *O Rio* e data de 1953. A personagem central é o rio Capibaribe antropomorfizado que relata as condições sub-humanas de vida ao longo de seu trajeto. O humanismo impregna-o do princípio ao fim, mas já existem alguns laivos de preocupação com o ambiente. De Ilhetas ao Petribu, o rio fala: Parece que ouço agora/que vou

⁹ Id. *Crime na Calle Relator*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

deixando o Agreste: Rio Capibaribe,/que mau caminho escolheste./Vens de terras de sola,/curtidas de tanta sede,/vais para terra pior,/que apodrece sob o verde. De Caxangá a Apipucos, o rio observa que os cabelos da gente/que apodrece na lama negra/geram folhas de mangue/que são folhas duras e grosseiras. E, cruzando Recife, ele divisa outro Recife, no qual Casas de lama negra/há plantadas por essas ilhas/(na enchente da maré/elas navegam como ilhas);casas de lama negra/daquela cidade anfíbia/que existe por debaixo/do Recife contado em Guias./Nela deságua a gente/(como no mar deságuam os rios)/que de longe desceu/em minha companhia;/nela deságua a gente/de existência imprecisa,/no seu chão de lama/entre água e terra indecisa. Na iminência de se lançar ao mar, o rio ainda comenta: A não ser esta gente/que pelos mangues habita:/eles são gente apenas/sem nenhum nome que os distinga:/que os distinga na morte/que aqui é anônima e seguida./[...] A não ser esta cidade/que vim encontrar sob o Recife:/sua metade podre/que com lama podre se edifica¹⁰.

O segundo poema é o celebrado *Morte e Vida Severina*, composto em 1954 e 1955. Nele, o rio narrador dá lugar ao lavrador Severino, que traça o mesmo percurso do rio. Também o solilóquio do rio é enriquecido com diálogos travados ao longo do triste itinerário, que começa na caatinga, cruza o agreste e termina no manguezal de Recife, sempre marcado pela miséria, mas com uma luz de esperança no fim. Na conversa de dois coveiros, Severino ouve de um: essa gente do Sertão/que desce para o litoral, sem razão,/fica vivendo no meio da lama,/comendo os siris que apanha.

E, sozinho, o desejo da morte o assalta, num caixão macio de lama/mortalha macia e líquida,/coroas de baronesa/junto com flores de aninga,/e aquele acompanhamento/de água que sempre desfila/(que o rio, aqui no Recife,/não seca, vai toda a vida). E, com o nascimento de uma criança, como a desafiar a morte em derredor, gente pobre e humilde acorre ao local com presentes: trago para a mãe caranguejos/pescados por esses mangues;/mamando leite de lama/conservará nosso sangue. Outro, Eis ostras chegadas agora/apanhadas no cais da Aurora. E outro, Siris apanhados no lamaçal/que há no avesso da rua Imperial. E outro ainda, Goiamuns dados pela gente pobre/da Avenida Sul e da Avenida Norte. Mas duas ciganas vaticinam o futuro do recém-nascido. A primeira anuncia: aprenderá a engatinhar/por aí, como aratus,/aprenderá a caminhar/na lama, com goiamuns,/e a correr o ensinarão/os anfíbios caranguejos. [...] Vejo-o, uns anos mais tarde,/na ilha do Maruim,/vestido negro de lama,/voltar de pescar siris. A outra cigana também se manifesta: Enxergo daqui a planura/que é a vida do homem de ofício,/bem mais sadia que os mangues,/tenha embora

¹⁰ Id. O Rio ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife. In: _____, op. cit., p. 271-302.

precipícios./Não o vejo dentro dos mangues,/vejo-o dentro de uma fábrica:/se está negro não é lama,/é graxa de sua máquina,/coisa mais limpa que a lama/do pescador de maré/que vemos aqui, vestido/de lama da cara ao pé. [...] vejo coisa que o trabalho/talvez até lhe conquiste:/que é mudar-se destes mangues/daqui do Capibaribe/para um mucambo melhor/nos mangues do Beberibe¹¹. Por que visão tão negra acerca do manguezal cultivada pelo poeta? Num plano mais profundo, parece que ele compartilha inconscientemente da concepção européia segundo a qual processos anaeróbicos de decomposição tornam o manguezal um ambiente infecto. Num plano intermediário, a desvalorização das áreas de mangue levaria as pessoas de baixa renda a ocupá-las e a degradá-las, degradando-se. Por fim, a poluição das áreas de mangue criaria um ambiente extremamente pútrido, fétido e insalubre para seus habitantes humanos.

¹¹ Id. Morte e Vida Severina (auto de natal pernambucano). In: _____, op. cit., p. 201-241.